

## O OUTRO LADO DA ADOÇÃO: A PERSPECTIVA DAS MÃES BIOLÓGICAS DIANTE DA ENTREGA DO FILHO PARA A ADOÇÃO

\*Paola Andressa Kohn

\*\*Sandro Rodrigo Steffens

### Resumo

A adoção na perspectiva das mães biológicas é um tema ainda pouco abordado, mas de fundamental importância para entender o processo completo da adoção. Diante disto, este artigo teve por objetivo investigar quais os sentimentos envolvidos no processo de adoção, a partir da perspectiva das mães biológicas, a repercussão desse processo de vida das mesmas e os motivos que as levaram a essa decisão. A pesquisa foi realizada através de entrevista semiestruturada nas quais foram entrevistadas duas mães que entregaram seus filhos para adoção. A abordagem utilizada para explanar os dados foi a qualitativa, focando no método de História de Vida. A partir da análise dos relatos foi possível perceber que não existe um motivo isolado para a entrega e sim a relação entre os vários fatores, como também os diversos sentimentos decorrentes, com destaque para o arrependimento, raiva e culpa. Além da influência do mito do amor materno, da falta de apoio da família e companheiro e da formação subjetiva.

Palavras-Chave: Adoção. Pais biológicos. Mãe biológica. Mito do amor materno. Entrega do filho.

### 1 INTRODUÇÃO

A adoção é um tema muito debatido e repleto de “tabus”. Quase sempre é visto como algo bom e é associado como sinônimo de uma boa ação, ato de altruísmo e de generosidade. Mas essa visão se dá pelo processo de adotar a criança e muitas vezes são deixadas de lado o como ou o porquê aquela criança chegou até lá, muitas vezes não sendo debatido o fato de

que, para ser adotada essa criança, não conviveu com a família biológica, e que, por algum motivo, foi entregue para a adoção.

Essa é uma perspectiva da adoção pouco abordada e que, muitas vezes, não recebe a devida importância, mas que tem grande impacto na vida dos envolvidos. A maioria dos estudos relacionados é voltado para os pais adotivos, ou ainda, para a criança adotada. Quando as mães biológicas são citadas elas são vistas como seres “maus” e até como “mães desnaturadas” (MOTTA, 2008). Essas mães dificilmente são lembradas, ou são ouvidas e mais dificilmente ainda são compreendidas. É importante oferecer um espaço de escuta para essas mães, permitindo que possam expressar seus sofrimentos e as suas razões, para que assim, seja possível entender de forma mais apurada o que ocorre neste processo de adoção, a partir da perspectiva das mães biológicas. Neste sentido, esta pesquisa investigou quais os sentimentos envolvidos no processo de entrega de um filho para adoção, a partir da perspectiva da mãe biológica, a repercussão deste processo na vida da mesma, bem como os motivos da decisão.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 MÃES QUE ENTREGAM O FILHO PARA A ADOÇÃO

Na contemporaneidade, a sociedade ainda tem a ideologia de que o amor materno é incondicional e inevitável (MOTTA, 2008). Acredita-se que as habilidades de maternagem são características de toda mulher. Valentim e Cortez (2014), afirmam que essa ideologia foi construída ao longo dos séculos. Mas, trata-se de sentimentos humanos e como o amor e a maternagem são características muito individuais, estes podem vir a não se desenvolver. A crença ainda é de que toda mulher, ao saber da gravidez, vai desenvolver os instintos maternos, e se, por um acaso alguma delas não desenvolver estes cuidados ou o amor incondicional e optar por não criar a criança, entregando-a para a adoção, poderá ser vista como “anormal” ou ainda como “mãe desnaturada” (MOTTA, 2008). Para evitar esse rótulo de “mãe desnaturada” algumas das mães abandonam os filhos de formas que

objetivam o anonimato, como em latas de lixo ou em lugares públicos dificultando o processo de adoção, já que, sem a autorização expressa da mãe biológica, a adoção será adiada até a decisão oficial do juiz. Essa atitude pode estar ligada ao fato da mãe não querer ficar com a criança ou de não ter condições de mantê-la, mas não querer abrir mão dela voluntariamente (SANTOS, 1998 apud MOTTA, 2008).

Porém, é preciso levar em consideração que nem sempre a entrega do filho para adoção é em consequência da falta de amor. Muitas vezes, esse ato pode ser desencadeado por outros fatores, como ressalta Motta (2008), entregar o filho para adoção pode representar, para a mãe biológica, a impossibilidade de cuidar da criança, a rejeição da gravidez ou ainda a frustração diante do amor e desejos de maternidade. Bem como pode ocorrer em decorrência de depressão pós-parto. Pode também representar a esperança de uma vida melhor para a criança

Essa entrega é classificada por Menezes e Dias (2011) como “Doação por Proteção” e definida como um ato de amor. Outro motivo para muitas mães entregarem o filho para adoção é o fato de se verem sozinhas, sem o apoio do parceiro na criação do filho. Em partes, isso se deve à visão da sociedade de que é da mulher a responsabilidade pelo filho, portanto, excluindo a necessidade de participação do homem na criação da prole (BARBOSA, 2011).

Aliás, pouco, ou quase nada, se fala do homem que saiu de cena e não assistiu a sua prole. Políticas sociais que devem cuidar da saúde e do planejamento familiar são insuficientes e orientadas equivocadamente para o aumento da responsabilidade prioritária da MULHER e da aceitação maior dos riscos para seu corpo, nesses processos (BARBOSA, 2011, p. 2).

Em concordância, Dolto e Hamad (1998, apud MENEZES; DIAS, 2011) explicam que, muitas vezes, a mulher é abandonada pelo parceiro ao engravidar, pois é vista só como objeto sexual e rejeitada como mãe. Esses filhos são chamados de “filhos do cio” e tem uma probabilidade maior de serem entregues à adoção. Além do abandono do parceiro, há outros fatores



familiares que influenciam, mesmo que indiretamente, a entrega da criança para adoção.

A falta de acompanhamento profissional atrapalha, também, na identificação de uma pressão que ela possa estar sofrendo, muitas vezes do próprio pai da criança, quando este está presente, ou ainda, de possíveis abusos, já que, muitas vezes, a gravidez é fruto de estupro ou relações abusivas. Esse apoio psicológico é garantido pela Lei 12.010/2009, art. 2º, § 4º denominada Lei da Adoção (BRASIL, 2009), como também pelo art. 8º, § 4º e 5º da Lei 8069/90 denominado Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Garantindo que o poder público forneça assistência psicológica à mãe biológica que deseja entregar seu filho à adoção antes e depois do parto. Leão, Silva e Serrano (2012), apontam que essa assistência poderia auxiliar as mulheres a lidar com questões relacionadas à chegada do bebê e a possibilidade da entrega para a adoção, garantindo condições adequadas para a decisão e evitando uma entrega por impulso.

#### PERFIL DA MÃE QUE ENTREGA O FILHO PARA ADOÇÃO

Menezes e Dias (2011, p. 941) ressaltam alguns estudos acerca do perfil da mãe que entrega o filho para adoção:

[...] Freston e Freston (1994) em São Paulo, Weber (1998) no Paraná, e Mello (2002) na Paraíba, ao traçarem o perfil das mães, constataram que as mães doadoras, geralmente, são jovens, solteiras, com educação primária incompleta, trabalham esporadicamente como empregadas domésticas e não contam com o apoio da família de origem. Na maioria dos casos, a gravidez é fruto de uma relação eventual, em que é inexistente um vínculo com o pai da criança. Aliados à extrema juventude, aos baixos salários e a não satisfação das necessidades básicas, estão os fatores culturais da exclusão social da mulher e de sua submissão ao homem, [...] é possível concluir que a maioria das doações é determinada pela junção do fator econômico com um contexto doméstico desfavorável.

Com relação aos motivos Campos (2001), menciona que, de acordo com os dados da Vara de Infância e Juventude do Distrito Federal, as condições socioeconômicas aparecem como principal motivo da entrega, mas destacam-se também outros motivos como a rejeição do parceiro, a gravidez não planejada (muitas vezes fruto de um relacionamento eventual), falta de condições psicoafetivas, de apoio familiar e também de uma rede social de apoio. Ainda neste viés, Leão, Silva e Serrano (2012), citam pesquisas feitas por Freston no ano de 2000, no qual se concluiu que 75% das mães investigadas que entregaram o filho para adoção não tinham boas condições financeiras, nem tinham o apoio familiar como também não tinham a presença do pai da criança.

Considerando essa prevalência da baixa condição financeira de mães que entregam os filhos para adoção, Weber (2000), argumenta que isso está relacionado com a falta de esclarecimento sobre métodos contraceptivos à população, à condenação pelo filho "ilegítimo" e principalmente a proibição do aborto no Brasil. Isso se deve ao fato de que mulheres com melhores condições financeiras têm mais possibilidade de recorrer a abortos clandestinos.

Porém, para Motta (2008), não é possível justificar a entrega de um filho em adoção unicamente por questões socioeconômicas. Há mães que mesmo sem condições financeiras optam por permanecer com as crianças e tornam-se boas mães, enquanto outras optam pela entrega do filho, provavelmente aliando-se a motivos subjetivos. Outro dado importante sobre a entrega do filho à adoção é a escolha das mães biológicas pela adoção direta.

A escolha da família pode ser uma tentativa da mãe biológica de assegurar que a criança será bem cuidada e terá as condições que ela julga necessárias para um bom desenvolvimento, outro motivo é que com a adoção direta ela permanecerá tendo informações sobre a criança e poderá continuar mantendo contato com ela (BARBOSA, 2011). Em decorrência disso o número de adoções diretas ou adoções prontas, como também é chamado, é elevado, como aponta Barbosa (2011, p. 4):

Entre as formas pelas quais ocorre a adoção, chama a atenção, no cotidiano das Varas de Infância e da Juventude, a ocorrência de casos de "adoções prontas", ou seja, aquelas em que a mãe decide-se pela entrega do filho e o faz baseada em seus legítimos critérios, fato muito comum.

### 2.3 MOTIVOS INCONSCIENTES LIGADOS À ENTREGA DO FILHO EM ADOÇÃO

Dolto (1984 apud MENEZES; DIAS, 2011) aponta que, o amor materno se desenvolve no inconsciente. Esse amor é desenvolvido ainda na infância, como produto da educação recebida por ela, ainda menina, e da relação que teve com as mulheres significativas de sua vida. Já Duvidovich (2004 apud MENEZES; DIAS, 2011), defende que a função materna depende da condição da mulher de aceitar a ilusão de que o bebê seja um complemento da mãe. Seguindo neste mesmo raciocínio, Bowlby (1997) alega que os inúmeros sentimentos despertados pela chegada do bebê que podem ser de vinculação do bebê com a mãe, como também uma mistura de ressentimento e até ódio podem ter a ver com os sentimentos que a mulher teve durante a infância. Sentimentos esses em relação aos pais, irmãos ou outros, mas que não foram elaborados adequadamente e que agora são deslocados para a criança. Em concordância Menezes (2007, p. 36), expressa que:

A doação de um filho pode ser motivada por rejeição, pressão social ou proteção. No caso de rejeição é comum que dificuldades internas, provenientes de relações primitivas na infância com a própria mãe ou pessoa significativa, impossibilitem essa mulher de maternar seu ou seus filhos. Acreditamos ainda que, em algumas mulheres, há uma rejeição da condição da maternidade; elas simplesmente não se veem como mães, não desejam ter filhos.

Para Martins e Souza (2010), as mães que entregam o filho estão, entre outras coisas, buscando para o filho o amor que não tiveram para si. Elas entregam a criança, pois não aprenderam a serem mães e a amar como tal. As autoras mencionam a teoria de Freud (1926), que fala sobre o



desenvolvimento do desejo materno em decorrência do complexo de Édipo, afirmando que no final do complexo de Édipo:

Ela [a menina que mais tarde torna-se mãe] abandona seu desejo de ter um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho, [...]. Percebe-se que, o filho aparece como substituto de um desejo primordial, ou seja, do desejo de possuir algo que sente falta em seu próprio corpo (falo), porém sendo seus pais objetos de seu investimento libidinal, o filho passa a ser um meio de realizar esta ligação e não uma finalidade no desejo pela maternidade. (MARTINS; SOUZA, 2010, p. 42)

Com base nessa teoria, toda mulher poderia ter o desejo de ser mãe e assim recuperar o objeto e a ligação perdida, tornando-se completa. Porém, nem sempre o complexo de Édipo é vivenciado desta forma, e às vezes a criança esta sujeita a frustrações e traumas não esperados que podem modificar o entendimento inconsciente deste processo. Em outros casos o ato de ser mãe pode ter um significado inconsciente diferente para ela (MARTINS; SOUZA, 2010).

#### 2.4 SENTIMENTOS APÓS ENTREGA

Entregar o filho para adoção é uma decisão muito complicada que envolve vários fatores. Dependendo do motivo, se a decisão foi tomada por impulso ou por pressão pode desencadear muito sofrimento. Para minimizar isso, Motta (2008), ressalta que fazer a escolha antes do nascimento da criança contribui para o momento do afastamento, já que a ligação entre a mãe e a criança começa a ser formada já na gravidez e em alguns casos se desenvolvem um laço maior no momento do nascimento. Com a decisão antecipada essa mãe poderá não se vincular tanto ao filho, facilitando o afastamento. ente os sentimentos e assim elaborar melhor a fase de luto antecipatório. Porém, ainda que a mãe biológica decida antecipadamente pela entrega, a mulher fica mais vulnerável e abalada emocionalmente no período pós-parto, pois há alterações hormonais que geram mudanças no humor, podendo desencadear até uma depressão pós-parto, e é neste momento que, geralmente, estas mães entregam o filho para adoção.

A entrega nessa hora deve fazer com que a sua decisão seja questionada pelos profissionais que fazem o atendimento de apoio, eles poderiam avaliar se realmente é esta a vontade dela, se ela está sofrendo algum tipo de pressão da família, se é a melhor opção e a possibilidade de um futuro arrependimento (MOTTA, 2008). Motta (2008) cita pesquisas feitas por Jones (1993), Wieder (1995), Chavanneau de Gore (1994), Sorosky, Baran e Pannor (1989), apontando que alguns profissionais envolvidos com a entrega da criança para adoção afirmam para as mães biológicas que elas logo vão esquecer-se das crianças entregues. Porém, segundo estudos, normalmente essas mães biológicas não esquecem o filho entregue e em algum momento após a entrega ou anos depois, essas mães passam a sentirem-se culpadas e a conviver com o remorso potencializado pelo que ouviu dos profissionais no momento da entrega, podendo bloquear o processo pelo qual normalmente passam, parecido ao luto.

Motta (2008) considera esse processo de luto semelhante ao luto "convencional", já que houve também o processo de perda e os sentimentos descritos por essas mães são muito semelhantes ao descrito pelas mães que perderam seus filhos por morte, assim sendo passa pelas mesmas etapas de luto descritas por Bowlby (2004): entorpecimento; anseio e busca pela pessoa perdida (raiva); desorganização e desespero; e reorganização. Na primeira fase, "entorpecimento", Bowlby (2004), afirma que a pessoa em luto faz uso de vários mecanismos de defesa, principalmente a negação. Nesse período, que vai de algumas horas até uma semana, ela segue a vida quase que normalmente, com uma espécie de tranquilidade automática, mas podendo ter algumas explosões de intensa aflição e raiva. Em decorrência disso, Motta (2008) ressalta que é de fundamental importância que elas recebam acompanhamento profissional nesta fase. Mas, geralmente o único acompanhamento que é feito neste período é uma entrevista com um profissional da Vara de Infância e Juventude, que tem como único objetivo verificar se houve arrependimento e ela deseja manter a entrega ou não. Como, neste momento a mãe biológica está na fase de entorpecimento, é pouco provável que algum arrependimento apareça durante essa entrevista.



Na segunda fase, anseio e busca pela pessoa perdida, Bowlby (2004) explica que a pessoa em luto pode alternar entre começar a perceber a realidade da perda e a descrença e esperança da perda não ser real. A pessoa pode ter crises de desânimo intenso, inquietação, insônia, culpa e principalmente sentimentos de raiva. É comum neste período, que pode durar meses e em alguns casos até anos, que ela tente reencontrar, lembrar ou criar uma imagem do ente, neste caso do filho entregue, para facilitar isso ela geralmente vai atrás de informações sobre a criança, se foi adotado, se está bem, entre outros (MOTTA, 2008).

Segundo Jones (1993 apud MOTTA, 2008) nessa fase, as mães que entregaram o filho em adoção, tendem a se afastar dos padrões sociais e comumente se envolvem com drogas e promiscuidade. Elas podem culpar e sentir raiva da sociedade e o meio em que vivem de ter as obrigado a entregar o filho e, em alguns casos, essa raiva pode dificultar a elaboração dos sentimentos, bloqueando o processo de luto.

Quando o processo de luto segue normalmente, vem a fase de desorganização e desespero e posteriormente a fase de reorganização na qual Bowlby (2004), afirma que a raiva e oscilação de emoções entre aceitar a perda e ter esperança de que isso não aconteceu precisa ser vivida, até que a realidade gradualmente vai sendo realmente aceita e a pessoa possa perceber e entender seus padrões de sentimentos e atitudes podendo assim começar a enfrentá-los e modificá-los.

Nesta fase, a mãe que entregou o filho em adoção, começa e responsabilizar-se pela entrega e passa a entender e aceitar os motivos e as circunstâncias que a levaram a tomar aquela decisão (MOTTA, 2008). Mesmo quando entregar o filho para adoção é realmente a vontade da mãe, e ela já passou pelo processo de luto, resolvendo seus conflitos psicológicos decorrentes da entrega, ela enfrenta o preconceito e passa por uma grande pressão social que pode fazê-la reavaliar, se a atitude de entregar o filho foi mesmo correta, podendo ressurgir o sentimento de culpa pela entrega e igualmente por estar bem com a decisão tomada. (LEITÃO FERNANDES, 1989 apud MOTTA, 2008).

Motta (2008) argumenta que um dos maiores sofrimentos sentidos pelas mães que entregam os filhos para adoção é em decorrência do fato de que após a entrega da criança ao processo de adoção a mãe biológica não tem autorização para ver a criança ou ter acesso a qualquer informação referente a ela. Essa falta de informação pode fazer com que a angústia da mãe biológica aumente, já que isso dificulta um processo pelo qual a maioria das mães que entregaram os filhos passam, que é uma espécie de idealização do filho.

Além da culpa Burnell e Norfleet (1979 apud MOTTA, 2008) apontam que 60% das mães biológicas que entregaram filhos em adoção nos anos anteriores enfrentam problemas ginecológicos, médicos e psicológicos. Sendo a depressão um dos mais comuns, estando presente em 40% da amostra. Após a entrega, as mães biológicas enfrentam dificuldades em seguir a vida normalmente. Algumas têm problemas para cuidar dos novos filhos, tornando-se mães afetivamente distantes ou superprotetoras. Outras evitam ter um relacionamento amoroso, sentindo-se culpadas e temendo o preconceito que possa vir a sofrer pelo novo companheiro, caso este descubra a entrega da criança (MOTTA, 2008).

## MÉTODO

O presente artigo trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo quanto aos seus objetivos, proporcionando maior familiaridade com o problema, explicitando e tendo como objetivo, descrever características de determinada população ou fenômeno. Segundo Richardson (1999), a abordagem qualitativa é adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Sendo que busca o entendimento de aspectos psicológicos, cuja compreensão não pode ser obtida por outros métodos, devido a sua complexidade, também sendo utilizadas como indicadores de funcionamentos e estruturas sociais.

Para coleta dos dados, inicialmente houve o contato com Psicólogos e Assistentes Sociais de equipes dos serviços do SUS e SUAS de alguns municípios

da região Oeste e extremo Oeste de Santa Catarina, ou seja, da Rede Pública de Saúde, Assistência Social e hospitalar. Também houve contato com profissionais de Fóruns de alguns municípios da região Oeste e extremo Oeste de Santa Catarina, bem como, indicações de psicólogos clínicos da referida região, porém, a procura resultou em apenas duas mulheres que aceitaram participar da entrevista.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, com algumas perguntas pré-elaboradas, garantindo que todos os tópicos fossem abordados, mas que permitiu modificação e ampliação do questionário conforme necessidade das entrevistas.

As participantes receberam nomes fictícios (escolhidos pela autora), sendo identificadas no decorrer do artigo como Esmeralda e Pérola, os nomes citados por elas no decorrer das falas, também são fictícios visando preservar o sigilo de suas identidades. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo a fidedignidade dos dados e o sigilo.

Para a análise dos dados do conteúdo das entrevistas foi utilizado o método de História de vida. De acordo com Santos e Santos (2008, p. 715):

O método utiliza-se das trajetórias pessoais no âmbito das relações humanas. Busca conhecer as informações contidas na vida pessoal de um ou de vários informantes, fornecendo uma riqueza de detalhes sobre o tema. Dá-se ao sujeito liberdade para dissertar livremente sobre uma experiência pessoal em relação ao que está sendo indagado pelo entrevistador.

Além disso, permite acesso à essência subjetiva e a singularidade da pessoa entrevistada. Não busca comprovar os fatos e sentimentos apresentados nas falas, pois a eles se devem a percepções próprias, sendo este o objeto do estudo (SPINDOLA; SANTOS, 2003). As entrevistas foram transcritas sem qualquer alteração do conteúdo original, em seguida foram analisadas conforme os procedimentos éticos.

### 3 CONCLUSÃO



Ao finalizar a presente pesquisa, ficou evidente que, ao se tratar da entrega do filho para a adoção, na perspectiva das mães biológicas, são vários os motivos que exercem influência sobre essa decisão. Pode-se ressaltar que os principais motivos estão relacionados com a condição econômica, a influência da falta de apoio de familiares, da sociedade e principalmente do parceiro, além da formação subjetiva destas mulheres, que tem uma história marcada por abandonos afetivos.

De mesma forma, verificam-se motivos inconscientes, tais como, a significação pessoal da maternidade, os padrões da formação de laços afetivos da mãe biológica, além de uma diversidade de características presentes na personalidade e na história pessoal da mãe biológica. Ressalta-se também que a entrega da criança produz impactos posteriores na vida delas, influenciando na forma como lidam com os demais filhos e relacionamentos, bem como, o surgimento de sentimentos de arrependimento, raiva e principalmente culpa.

Esses sentimentos que surgem após entrega da criança, sofrem variações e parecem estar intimamente relacionados com a forma escolhida de entrega do filho, ou seja, a entrega do filho em uma condição fechada, na qual não há informações sobre os pais, nem posteriormente sobre a criança, ou aberta, onde há a possibilidade de escolha e futuro contato. Diferenças que parecem ser pouco observadas e que talvez se melhor analisadas poderiam auxiliar na forma como essas entregas são sentidas, vistas e trabalhadas, podendo desmistificar o preconceito ainda forte sobre as mães que buscam formas de entrega mais similares ao abandono.

Estes sentimentos parecem ser desencadeados, além de outros motivos, pela pressão exercida pela sociedade que ainda cobra delas características descritas como femininas, como o desejo de ser mãe e as qualidades de ser uma boa mãe, presente no mito do amor materno e não aceita desvios. Ao mesmo tempo, a sociedade recusa a existência destes sentimentos após a entrega, não permitindo que essas mães os expressem, julgando-as quando elas vivenciam sua dor e sofrimento.

Por fim, nas entrevistas apresentadas neste artigo, parece ser forte a influência destas questões, sendo apresentada nas falas e em algumas teorias a fragilidade feminina diante do abandono do homem e falta de autonomia delas sobre suas próprias vidas, características provavelmente decorrentes do comportamento social ainda vivenciada na atualidade e que possivelmente contribui para a entrega.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Paula da Silva. Mulher-monstro: violência contra a mulher que entrega o filho em adoção e a Lei 12.010/09. In: Simpósio Gênero e Políticas Públicas, n 2, 2011. Londrina. Anais... Londrina 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/Ana%20Paula.pdf>>. Acesso em: 27 jul 2017.

BORDALLO, Galdino Augusto Coelho. Adoção. In: MACIEL, Kátia Regina Ferreira Lobo Andrade (coord). Curdo de direito da criança e do adolescente: Aspectos teóricos e práticos. 4, ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

BOWLBY, John. Perda: Tristeza e Depressão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, traduzido por Valtensir Dutra, 2004.

BRASIL. Lei n 6.697, de 10 de outubro de 1979. Intitulada código do menor. Revogada pela lei n 8069/90. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19701979/L6697.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19701979/L6697.htm)>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BRASIL. Lei n 8.069, de 13 de julho de 1990. Intitulada Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em 18 ago. 2017.

BRASIL. Lei n 12.010, de 29 de julho de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis nos 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943; e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm)>. Acesso em: 29 ago. 2017.

BROMBERG, Esmeralda Helena Pereira Franco. Aborto na adolescência: um a duplo luto. In: MACEDO, Rosa Esmeralda (Org.). Família e comunidade. V. 1, n. 2, São Paulo, Coletâneas da ANPPS, dez. 1996.

CAMPOS, Niva Esmeralda Vasques. Abandono, Entrega, Desconhecimentos e Segredos. A família nos estudos psicossociais de adoção: uma experiência na vara da infância e da juventude do distrito federal. 2001. 119f. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Instituto de psicologia, Universidade do Brasília, Brasília, mai. 2001. Disponível em: < <http://www.tjdft.jus.br/cidadãos/infancia-e-juventude/textos-e-artigos/abandono-entregadesconhecimentos-e-segredos/view>>. Acesso em: 03 set 2017.

CORREIA, Monique costa; RIBEIRO, Ana Paula Alves. Abandono e adoção. Rio de Janeiro, 2010. Monografia (especialista em psicologia jurídica) – Universidade Candido Mendes. Disponível em: < [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/k213667.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k213667.pdf) >. Acesso em: 22 out 2017.

LEÃO, Livia Caetano da Silva; SILVA, Caroline Gonçalves Carneiro da; SERRANO, Solange Aparecida. A entrega de um filho em adoção e as vicissitudes de ser mãe. Psicologia Para América Latina, Ribeirão Preto, p.28-46, 2012. Disponível em: <[http://www.academia.edu/14324414/A\\_entrega\\_de\\_um\\_filho\\_em\\_adoção\\_e\\_as\\_vicissitudes\\_de\\_ser\\_mãe](http://www.academia.edu/14324414/A_entrega_de_um_filho_em_adoção_e_as_vicissitudes_de_ser_mãe)>. Acesso em: 28 set. 2017.

MENEZES, Karla Fabiana Figueiredo Luna de. Discurso de mães doadoras: motivos e sentimentos subjacentes à doação. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: < [http://www.unicap.br/tede/tde\\_arquivos/1/TDE-2007-06-13T113024Z92/Publico/Karla%20Fabiana\\_confrontado.pdf](http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2007-06-13T113024Z92/Publico/Karla%20Fabiana_confrontado.pdf)>. Acesso em 13 set. 2017.

MOTTA, Esmeralda Antonieta Pisano. Mães abandonadas: A entrega de um filho em adoção. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: Métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROOSENBERG, Rodrigues Alves. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações. Seminário de Pesquisa da Pós-graduação em História UFG/UCG. Setembro, 2009. Disponível em: <[http://pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original\\_ILSPHist09\\_RoosembergAlves.pdf](http://pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original_ILSPHist09_RoosembergAlves.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2017

SANTOS; Caroline Duarte dos, WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. O que leva uma mãe a abandonar um filho? Santo André, 2005. Psicologia,



Sobre o(s) autor(es)

\*Psicóloga, bacharel e do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus Aproximado de Pinhalzinho, e-mail: Paola.kohn@hotmail.com.

\*\* Psicólogo. Professor do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. Mestre em Desenvolvimento, Organizações e Cidadania. E-mail: Sandro.steffens@unoesc.edu.br